



Ao olhar a região da Enseada do Suá, o pescador Álvaro Martins relembra quando parte da Capital era mar: “A água batia ali, depois vieram as dragas e aterraram”

# ATERROS MUDARAM O MAPA DA CAPITAL

No aniversário de Vitória, conheça a história da cidade sobre as águas

✦ CARLA SÁ

carla.sa@redgazeta.com.br

✦ NATALIA BOURGUIGNON

nbourguignon@redgazeta.com.br

Era uma ilha cercada de outras ilhotas, um paraíso natural cravado no mar. Enseadas, prainhas, manguezais e brejos decoravam a terceira capital mais antiga do Brasil. Hoje completando 465 anos, Vitória não é mais a mesma. Em um processo contrário à Atlântida, lendária ilha que teria submergido onde o Oceano Atlântico terminava e o Mar Mediterrâneo começava, a capital do Espírito Santo cresceu sobre o mar, soterrando seus contornos originais e dando lugar a praças, pontes, parques, prédios e avenidas.

Atualmente, a maior parte da população que mora na ilha capixaba vive em cima dos aterros. Da área de mais de 12 mil m<sup>2</sup> que foi aterrada, entre as décadas de 1830 e 1990, em Vitória, cerca de 9 mil foram conquistados em direção à água do mar, nas bordas da cidade, sendo boa parte sobre



Foto antiga mostra o início do aterro no que seria mais tarde a Avenida Jerônimo Monteiro, no Centro. FOTO: ACERVO JOSÉ TATAGIBA

mangue. Outros 3,2 mil foram acrescidos dentro da ilha.

A população cresceu junto com os aterros. No primeiro registro, o censo de 1872, a Capital tinha 3.360 habitantes. A estimativa do IBGE para este ano é de 359.555.

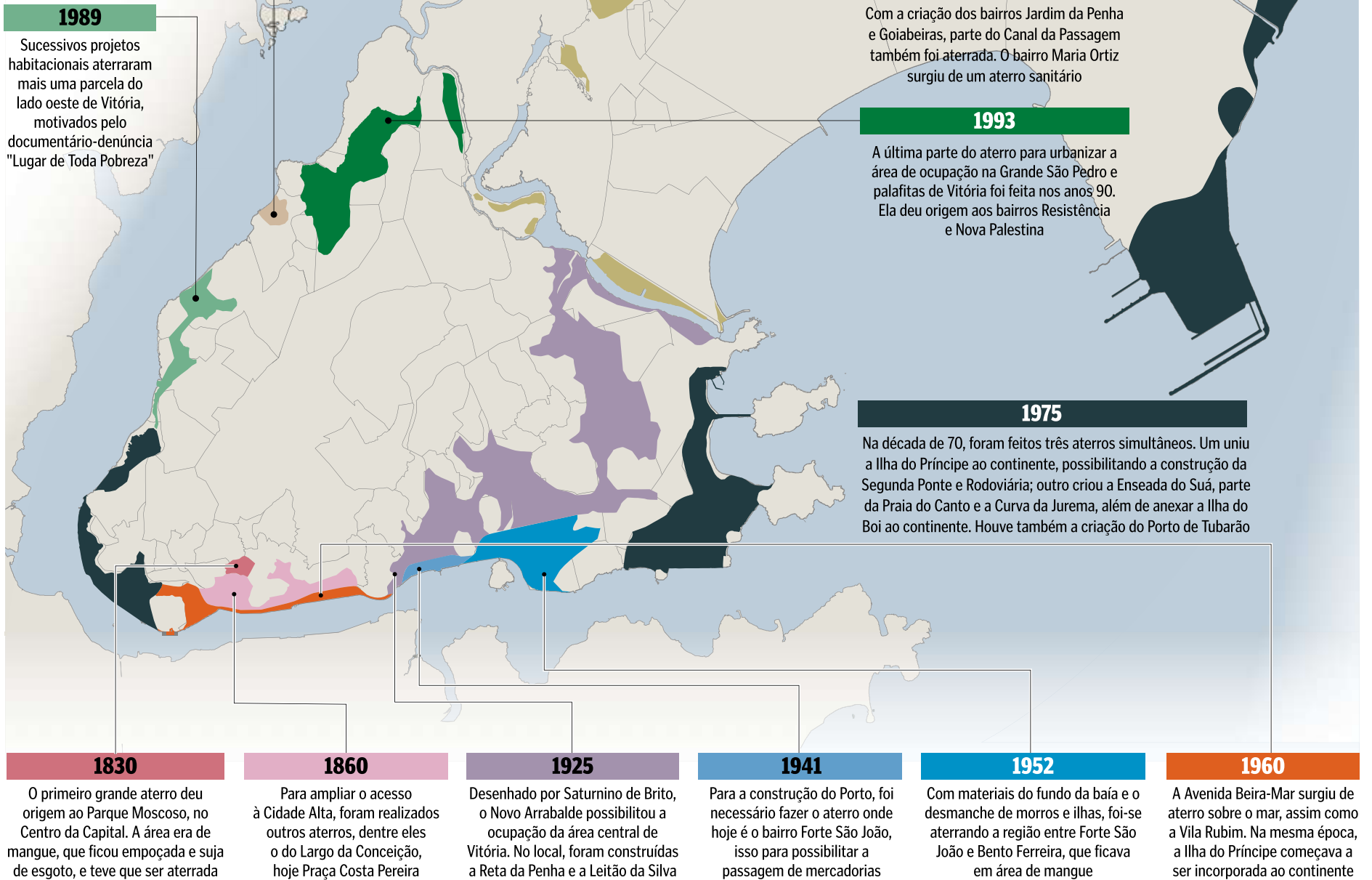
As primeiras obras, ainda no século XIX, foram feitas na região do Centro, logo abaixo da Cidade Alta, único local ocupado na ilha à época. “O que Vitória conquistou sobre o mar é uma coisa que hoje as pessoas não fazem ideia”, relembra o advogado Guido Cortes, 80, que mudou-se de Colatina para cidade na década de 50. “Na sua configuração original, a cidade era praticamente só o que hoje nós chamamos de Cidade Alta. A parte baixa era uma coisa mínima, minúscula”, diz.

O geógrafo Willis de Faria diz que os contornos originais da cidade foram mantidos por muito tempo antes dos aterros: “Como todas as cidades do litoral do Brasil, nossa Capital foi coloca-

# CIDADE AMPLIADA

Três tipos de aterro foram feitos em Vitória: sanitário, hidráulico e de materiais inertes (como terra de morros desfeitos e entulho). Desde 1830, a Capital cresceu com 11 grandes aterros na ilha

Conheça no mapa abaixo as áreas aterradas da Ilha de Vitória:



Infografia | Marcelo Franco

da no alto, como sistema de defesa. Essa configuração prevaleceu por quase três séculos”.

Um fator que contribuiu para os aterros teve a ver com a repugnância pelos maguezais, que perdurou até boa parte do século XX. Considerados fétidos, insalubres, com grande quantidade de mosquitos, eles eram vistos como ambientes que deveriam ser exterminados ou saneados, como diziam os governos da época.

Os tempos eram outros. Avançar sobre o mar e os maguezais significava ir ao encontro do progresso. E assim fizeram as sucessivas administrações públicas.

## PRAIA DO CANTO

Nos anos 20, foi a vez do projeto do Novo Arrabalde, do engenheiro sanitário Saturnino de Brito no governo de Muniz Freire. O local escolhido tinha “muitos morros, algumas ilhas, grande área úmida (mangues e brejos) e uma área com terrenos secos”, diz

Letícia Klug em sua pesquisa sobre a paisagem da Capital, no livro “Vitória: Sítio físico e paisagem”.

Neste aterro de 3,2 km<sup>2</sup>, feito inteiramente dentro da ilha, estão atualmente as avenidas Reta da Penha e Leitão da Silva, além de vários bairros. “Com isso, só a região da Praia do Canto ficou seis vezes maior”, diz a arquiteta e urbanista Clara Miranda, pesquisadora dos aterros de Vitória.

Outro período marcante de aterros aconteceu nos anos 70, época em que foi feito o aterro na Ilha do Príncipe e na Enseada do Suá pela Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano (Comdusa), o que era amplamente divulgado. “O que a natureza criou a Comdusa tem conservado e adaptado às condições humanas”, diziam anúncios do órgão ligado ao governo do Estado sobre o aterro na Enseada e a urbanização da Ilha do Boi, no jornal A GAZETA em 1974.

Nascido e criado na Praia do Suá, o pescador Álvaro Martins da Silva,

“

Na verdade, a única parte de Vitória que não teve aterro é a Cidade Alta. Só a Praia do Canto ficou seis vezes maior”

CLARA MIRANDA ARQUITETA

12

## MIL METROS QUADRADOS

A área de Vitória cresceu em 9 km<sup>2</sup> para cima de mar e mangue à beira-mar e 3,2 km<sup>2</sup> no Novo Arrabalde (Praia do Canto e região), no interior da ilha.

63, recorda esse período. “Uma época fomos morar ao lado de onde hoje é a Capitania dos Portos. A água do mar batia ali, depois vieram as dragas e aterraram”, comenta. “Na época, a gente aproveitava as pequenas praias formadas pelo enrocamento (parede de blocos de pedra dentro da água feita antes de aterrar) para brincar”, lembra.

Na mesma época, do outro lado da ilha, famílias ocupavam com barracos e palafitas aonde só havia mangue. A Grande São Pedro se formava sem projeto ou programação, se aterrando no lixo dos demais moradores de Vitória. Mas os aterros ficaram no passado. Atualmente, leis ambientais garantem que a natureza tenha também seu lugar na cidade.

## TIPOS DE ATERRO

Para cobrir toda essa área de mangue e mar – e também os lixões que foram surgindo com o tempo – foram utilizados três tipos de aterros em Vitória. Um deles foi o hi-

dráulico, em que é retirada areia do fundo do mar com dragas, bombeada por tubulações até os locais em que se deseja elevar o solo, como aconteceu na Enseada do Suá.

Outro foi o que usa material inerte, como entulho “limpo”, terra e pedras, feito na Ilha de Monte Belo, Santa Maria e Bento Ferreira. Esse é utilizado especialmente em locais como mangue, com o objetivo de nivelar o solo, evitando alagamentos.

O terceiro tipo de aterro foi o sanitário, feito em alguns bairros da Grande São Pedro. Conheça no mapa acima as áreas aterradas da Ilha de Vitória.

## VEJA NA WEB

[www.gazetaonline.com.br](http://www.gazetaonline.com.br)



**MAIS CONTEÚDO**  
Confira mais entrevistas, fotos e vídeos sobre os aterros de Vitória.  
[leia.ag/vitoria](http://leia.ag/vitoria)

# NOVAS AVENIDAS PARA GARANTIR PROGRESSO

## Atividades portuárias foram motivo de grande parte dos aterros

/// CARLA SÁ  
carla.sa@redgazeta.com.br

Uma ilha cheia de entradas de mar e mangue, cercada de ilhéus. Vitória tinha geografia difícil para uma Capital, que não acompanhava a ideia de progresso – palavra de comando do final do século XIX e do século XX. Pensando em modernizar a cidade, expandi-la e embelezá-la, diversos aterros aconteceram nesse período, permitindo a criação de estradas bem pavimentadas, a implantação do Porto de Vitória e o que foi considerado uma “limpeza” sanitária.

A partir do aterro no Parque Moscoso, os outros foram acontecendo no que o arquiteto José Francisco Bernadino chama de “efeito cascata”. “Um primeiro resultava em um outro subsequente e assim por diante. Outro aspecto refere-se às atividades portuárias, as maiores responsáveis pela grande maioria dos aterros na região”, escreve o pesquisador em um artigo.

Em contraste com as estreitas e tortuosas vielas do miolo do Centro, as novas ruas ganhavam um desenho paralelo e mais reto, graças aos sucessivos planos governamentais de embelezamento e valorização econômica. A própria área portuária foi construída sobre um espaço aterrado.

“Em 1918, começou-se a fazer o aterro para construir o porto, mas não deu certo. As obras terminaram exatamente com o Florentino Avidos (1924-1928), mas continuaram nos anos 30”, diz a arquiteta e urbanista Clara Miranda.

No Centro, por exemplo, as principais avenidas, Jerônimo Monteiro, Governador Bley/Princesa Isabel e a Getúlio Vargas, estão sobre terrenos aterrados. “Lembro do aterro que vai da Praça Pio XII até o Saldanha. Isso na década de 50”, rememora o advogado Guido Cortes, 80 anos.

Além disso, surgem aterros da necessidade de utilizar a areia dragada do canal de acesso ao Porto, como foi o caso de Bento Ferreira, Ilha de Monte Belo e de Santa Maria. Mas, antes disso, moradores já tomavam conta do local, garantindo sua casa sobre o mangue e o brejo, eles mesmos fazendo pequenos aterros. “Meu pai entrou e colocou um pouco de terra. E depois mais terra. O mangue foi secando. Também tiveram morros que eles desfizeram para aterrar”, lembra o aposentado Evandro Fernandes, 57, morador de Bento Ferreira.



MARCELO PREST

### “SINTO SAUDADES DE QUANDO TUDO ERA MAR”

/// “Sou nascido e criado no Morro do Alagoano e lembro quando tudo era mar ali em volta da Ilha do Príncipe e da Vila Rubim. Eu estava na faixa dos 14, 15 anos, e nadava

lá. De manhã os canoieiros vinham da Ilha das Caieiras com frutas e verduras e vendiam no mercado da Vila Rubim, que eram pequenos barracos de comércio chamados

de ‘Coreia’. Eu já passei lá de canoa, que era o veículo usado naquela época. Ali, onde hoje tem a Ponte Seca, também era alagado. A Ilha do Príncipe era de fato uma ilha nessa época, cercada de água. A rodoviária de Vitória eu lembro que era um manguezal, depois passou a ser

um lixão, e depois teve o aterro. Já o Sambão do Povo, que hoje recebe os desfiles de escola de samba, há cinco décadas atrás era água. Eu sinto saudades de quando tudo era mar”

— RAIMUNDO DE OLIVEIRA, APOSENTADO, 69 ANOS

JOÃO PAULO ROCETTI



**Bento Ferreira**  
Evandro Fernandes acompanhou o processo do aterro do bairro quando criança.

“Tinha mais morros, cuja terra foi servindo de aterro. E as ilhas de Monte Belo e Santa Maria ainda eram desligadas do bairro”

— EVANDRO FERNANDES APOSENTADO, 57 ANOS

VITOR JUBINI



**Anos 50**  
Jovens se reuniam na Costa Pereira, que é produto de aterro e ficava mais perto do mar.

“Os estudantes se reuniam na Praça Costa Pereira, e a terra terminava ali perto, onde hoje é a Avenida Governador Bley”

— GUIDO CORTES ADVOGADO, 80 ANOS

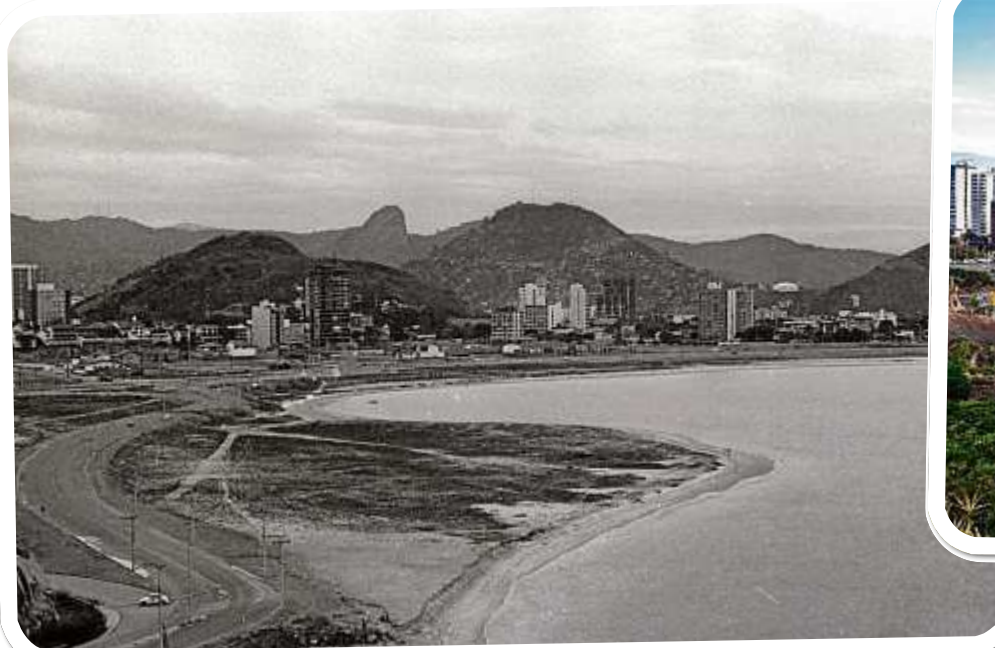
# O ANTES... E O AGORA

Fotos revelam o desenvolvimento geográfico e imobiliário



## Avenida Jerônimo Monteiro

À esquerda, foto de 1936. Hoje, edifícios e comércios tomaram conta da via.  
FOTOS: Acervo José Tatagiba e Marcelo Prest



## Curva da Jurema

Ao lado, orla não tinha edificações. Um paredão de prédios mudou o cenário.  
FOTOS: Gildo Loyola e Marcelo Prest



## Reta da Penha

Cenário da esquerda é de 1930. A avenida agora é uma das mais movimentadas da Capital. FOTOS: Arquivo/AG e Marcelo Prest